

***Normas ortográficas e morfolóxicas
do idioma galego. Vigo, Instituto da
Língua Galega & Real Academia
Galega, 1982 – 2.^a ed. – 1983.***

**Leodegário A. de Azevedo Filho, da ABF, UERJ e
UFRJ**

Os princípios adotados e as soluções propostas pelo Instituto da Língua Galega e pela Real Academia Galega para a elaboração das *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*, a princípio discordantes, mas depois concordantes, foram recusados, em grande parte, por várias instituições culturais da Galiza, entre as quais a Associação Galega da Língua (AGAL) e a Associação Sócio-Pedagógica Galega (AS-PG), por motivos mais ou menos coincidentes.

A partir do princípio de que a língua escrita deve continuar a língua falada, as citadas *Normas* propõem que o galego seja fiel a si mesmo, libertando-se das influências do castelhano e adotando soluções que se harmonizem com as línguas românicas em geral e com a língua portuguesa em particular. Veja-se: “Unha língua común asentada na fala, pero depurada de castelanismos, supradialectal, enraizada na tradición, coherente e harmónica coas demais línguas de cultura”. (op. cit. p. 8).

Portanto, a normalização do galego não deve sacrificar as suas características próprias e relevantes em benefício de nenhuma outra língua, embora o sistema luso-brasileiro (e não o sistema castelhano) deva ser o suporte natural para a discussão de pontos controvertidos.

Examinando-se, entretanto, os princípios teóricos estabelecidos com as normas propostas, não há dúvida de que, em vários pontos, as duas coisas se tornam incompatíveis. E isso porque, dessas *Normas*, afinal surgiu um galego de algum modo castelhanizado, não apenas no que se refere à ortografia, mas também no que se relaciona com problemas fonológicos e morfológicos.

Realmente, já na denominação das letras do alfabeto, difícil será aceitar o seguinte: *hache* e não *agá*, para a letra *h*; ou *cu* e não *quê*, para a letra *q*; e *ceta* e não *zê*, para a letra *z*. Nesse sentido, muito bem observa o professor Ricardo Carvalho Calero:

“Do mesmo jeito que os diferentes dialectos do castelhano se escrevem coa mesma ortografia, ainda que a pronúncia andaluza, por exemplo, difere consideravelmente da burgalesa, caberia umha ortografia unificada para o âmbito galego-português, ainda que um falante compostelán, um

falante lisboeta e um falante evorense manifestem também as suas peculiaridades na pronúncia.” (*De ortografía galega*, A. C. Francisco Lanza (Ribadeu), *Dez anos de cultura galega*, 1982).

Ao que acrescentamos: não se deve confundir, no caso, grafema com fonema, pois todos sabemos que a letra *z* (zê), em galego, se pronuncia [Ø] interdental ou [s] nas áreas de seseo. Mas é claro que o nome da letra, em harmonia com o sistema ortográfico luso-brasileiro, só pode ser *zê* e não *ceta*.

Ainda do ponto de vista ortográfico, as *Normas* afinal adotaram o sistema de acentuação do castelhano (*serie, día* no lugar de *série, dia*), rejeitando ainda o uso do hífen na ligação dos pronomes átonos ao verbo: *contame* no lugar de *conta-me*. O mesmo em relação ao emprego dos dígrafos *-ll-* e *-ñ-*, no lugar de *-lh-* e *-nh-*, ao contrário da declarada harmonização com o sistema lingüístico luso-brasileiro. Assim, as *Normas* propõem: *muller, galiña* no lugar de *mulher, galinha*. Quanto ao uso das letras *b* e *v*, a solução dada é também castelhana: *cantaba* por *cantava*, o mesmo ocorrendo em relação ao uso das letras *ç* e *z*: *análice* e *cabeza* no lugar de *análise* e *cabeça*.

Por outro lado, o uso histórico ainda hoje vivo, na língua falada, de *ó* (forma contracta) no lugar de *ao* (forma analítica) não significa que se deva propor, rigidamente, para a língua escrita, *ó* no lugar de *ao*. Nem se deve escrever, como ainda está nas *Normas*, *come-lo caldo* no lugar de *comer o caldo*, embora se possa dizer *comelo caldo* ou *comero caldo*.

Na morfologia, também por nítida influência castelhana, propõe-se: *amable* por *amável*; *-ción* (*-sión, -xión*) por *-çom* (*-som, -xom*); *-eria* por *-aria*, como em *romeria* por *romaria* e *amaches* por *amache*, na segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, o que é evidente vulgarismo.

O próprio nome *Galiza*, genuinamente galego-português, é substituído por *Galícia*, ao lado de outras soluções muito discutíveis em face da propalada harmonização com o sistema lingüístico luso-brasileiro, como é o caso de *dicir* por *dizer*; *tales* por *tais*; *mi padre* por *meu pai*; *escribir* por *escrever*; e assim por diante. A própria língua, usada na exposição das *Normas*, está cheia de castelhanismos: *punto* por *ponto*; *aporte* por *achega*; *sonido* por *som*; *préstamo* por *empréstimo*; *empezar* por *começar*; *vocal* por *vogal*; *tercuclear* por *teimar*; *bendición* por *benzóm*; *confesión* por *confessóm*; *panaderia* por *padaria*; *sur* por *sul*; *patrón* por *padróm*; *caída* por *queda*; *de todos modos* por *de todos os modos*; *gustar* por *gostar*; *estudios* por *estudos*; e assim por diante. Em tudo isso, se o propósito é o de limpar o galego de castelhanismos, evitando-se o castrapo, é claro que a língua adotada pelas *Normas* se torna muito contraditória.

Por tudo isso, a despeito de todos os estudos até aqui realizados, com empenho e seriedade, o problema da normalização do galego está ainda muito longe de encontrar uma solução plenamente satisfatória. E só nos resta, nesse sentido, lembrar a frase histórica de Castelao, em carta a C. Sánchez-Albornoz: “Desejo, ademais, que o galego se acerque e confunda co portugués”. (Grial, 47, 1975). Fora daí, segundo o autor citado, realmente, não pode haver solução verdadeiramente filológica.